



**VI Domingo da Páscoa (Ano C)**

O texto – **Jo 14,23-29**

- 23 ...«Se alguém *me ama*,  
**guardará** a minha palavra  
e o meu PAI o amará  
e a ele viremos  
e nele faremos morada.
- 24 Quem *não me ama*  
*não guarda* as minhas palavras;  
e a palavra que ouvís não é minha,  
mas é do PAI que me *enviou*.
- 25 Falei-vos estas coisas  
estando entre vós.
- 26 Mas o *PARÁCLITO*, o Espírito Santo  
que o PAI *enviará* em meu nome,  
é que vos ensinará tudo,  
e recordará tudo o que Eu vos disse.
- 27 Deixo-vos a *paz*;  
a *minha paz* vos dou.  
Não vo-la dou é como o mundo dá.  
Não se perturbe nem se intimide o vosso coração.
- 28 Ouvistes o que Eu vos disse:  
‘Eu vou e voltarei a vós’.  
**Se me amásseis**, alegrar-vos-íeis por eu ir para o Pai,  
pois o PAI é maior do que Eu.
- 29 Eu vo-lo disse agora, antes que aconteça,  
para quando acontecer acrediteis».

Breve comentário

Este texto situa-se, tal como o do domingo passado, em ambiente da Última Ceia, no discurso de despedida. Jesus tinha falado a sua manifestação, não a todos mas apenas aos seus, o que provoca a pergunta dum dos discípulos: «Porque é que te manifestarás a nós a não ao mundo?» (v. 22). O que está em causa, na mente dos discípulos, é a concepção duma manifestação do Messias visível e gloriosa.

Jesus responde que a sua manifestação, com a transformação da sociedade, que Ele quer operar, situa-se numa linha de amor activo. A sua mensagem é uma mensagem de amor ao homem e desdobra-se nos seus mandamentos. Quem observa a sua mensagem, que é do Pai, responde ao seu amor, acolhendo-a, e o seu amor é a sua presença e presença do Pai.

O Pai não é mais um Deus distante, como era concebido, mas aquele que se aproxima do homem e vive com ele. A presença de Deus no mundo, no coração de cada homem, não é estática, mas é a do Espírito, chamado Paráclito (consolador, protector), que fará com que os discípulos penetrem no que Jesus lhes disse, tornando-o presente; o ensino do Espírito é o d próprio Jesus, sai recordação e renovação da sua presença.

Jesus despede-se desejando a «paz» aos discípulos, não como uma saudação banal. Ele vai mas não ficará ausente, pelo que os discípulos devem ter esta paz, que é tranquilidade. A sua partida (morte) não é uma tragédia mas a manifestação suprema do amor do Pai, a sua vitória sobre o mundo e a morte. O pai é maior que Jesus, porque nele tem a sua origem, o Pai consagrou-o e enviou-o e tudo o que tem procede do Pai.

«Eu vo-lo disse agora, antes que aconteça, para quando acontecer acrediteis». A mesma frase já tinha sido pronunciada a propósito da traição de Judas (13,19), referindo-se à sua morte. Agora Jesus fala dos seus efeitos: o triunfo da vida nele e neles.

P. Franclim Pacheco  
Diocese de Aveiro